

Suplemento de Património

Mensal | Ano 12 | N.º 89 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Visitações de Santa Margarida: estado e obras da igreja (1690-1706).

Cristiano Cardoso*

INTRODUÇÃO

Os livros das visitas revestem-se de uma importância acrescida para o estudo da sociedade e das mentalidades. Esta fonte avoca uma utilidade particular, primordialmente para as zonas rurais, menos susceptíveis a descrições corográficas e a outro tipo de memórias ou estudos que evidenciassem e registassem as características mais intangíveis da organização social e dos costumes de uma terra.

Para além de permitirem uma apreciação do estado moral de eclesiásticos e paroquianos, os livros nos quais se registavam as actas das visitas, também designados por livros dos capítulos das visitas, fornecem um conjunto de informações fundamentais para a compreensão e estudo da evolução espacial e arquitectónica das principais estruturas relacionadas

com o culto divino: igreja paroquial, residência e outros anexos, capelas e ermidas, cruzeiros e vias-sacras, entre outros. Mais ainda, possibilita uma recolha de dados muito relevantes para a identificação e a cronologia de património artístico associado ao culto religioso.

De forma fortuita localizamos um conjunto de fólios nos quais estavam registadas actas de visita pastoral, aparentemente cosidos num livro que, supostamente, deveria encerrar apenas registos de baptismo da paróquia de Lousada (Santa Margarida) entre os anos de 1666 e de 1721. Rapidamente também verificamos que estávamos na presença de uma parte de um pretenso *Livro das Visitações* desta paróquia e não de um livro completo.

Neste breve apontamento, condicionados também pelos limites que a fonte nos impôs, que de seguida passaremos a expor, deter-nos-emos apenas sobre algumas questões de ordem espacial relativas à antiga igreja de Santa Margarida. Não apresentaremos aqui a transcrição deste documento por manifesta falta de espaço do presente suplemento. Reservaremos a edição da transcrição para uma ocasião futura em publicação de alcance e dimensão mais apropriados



Fig. 1 - Igreja de Santa Margarida, perspectiva de Sul

A FONTE: IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO

Inserido num livro de registo de baptismos da paróquia de Santa Margarida localizamos um pequeno excerto do que teria sido outrora um *Livro das Visitações* da dita freguesia. O cadastro do Fundo Paroquial do Arquivo Distrital do Porto (ADP) menciona dois livros de visitas de Santa Margarida, um compreendido entre 1667 e 1706 e outro entre 1672 e 1706, mas não refere a existência desta fracção no conteúdo do *Livro de Baptismos 1666-1721*. A informação disponibilizada no sítio do ADP não foi alvo do necessário tratamento arquivístico, pelo que certamente será corrigida, pois, na realidade, não estamos na presença de dois livros de visitas, mas apenas de alguns fólios cosidos juntamente com registos de baptismo.

Os fólios que restaram estão numerados e rubricados pela abreviatura *Pimentel* pertencente ao padre João da Rocha Pimentel, escrivão ou secretário de uma visita. É o que se pode aduzir através da confrontação com os vistos da visita e com a abertura de livros para outros registos paroquiais. Este acto de numeração e autenticação dos fólios do *Livro das Visitações* foi elaborado por comissão do visitador a 3 de Dezembro de 1667.

* Técnico Superior de Ciências Históricas.

Foi possível identificar 17 fólios contendo actas das visitas. O primeiro fólio não permite apurar a sua numeração, uma vez que se trata do verso. Este fólio corresponde à acta da visita do ano de 1672. Depois segue-se um hiato, retomando-se o registo das actas no fólio 20 (rosto), contendo a acta parcial (um capítulo e o escatocolo) do ano de 1690. A partir daqui a sequência mantém-se sem quebras até ao fólio 27 (verso) que contempla apenas o escatocolo da acta da visita do ano de 1706. As actas são aqui interrompidas devido à transcrição de uma pastoral de D. Rodrigo de Moura Teles, arcebispo de Braga. Esta pastoral ocupou os restantes fólios desta fracção de *Livro das Visitações* que chegou até nós, ou seja, até ao fólio 32 verso, ficando o texto da mesma pastoral incompleto. No final desta transcrição tudo indica que se seguissem as restantes actas das visitas, posteriores ao ano de 1706. Lamentavelmente essa parte do livro perdeu-se. O texto está escrito em letra moderna de fácil leitura, surgindo ocasionais situações de elegibilidade resultantes sobretudo de áreas do suporte com tinta trespassada. Estas pontuais dificuldades de leitura não comprometeram, contudo, a interpretação do texto.

A VISITA: CIRCUNSCRIÇÃO E COMITIVA

A paróquia de Santa Margarida inseria-se na circunscrição de Sousa e Ferreira, da grande área visitacional da comarca de Braga. Esta divisão deu-se no tempo do arcebispo D. Afonso Furtado de Mendonça, em 1620, ou até antes (Soares, 1997:205). O direito de visita era privativo do arcebispo ou dos seus delegados, designados visitantes da comarca de Sousa e Ferreira. O âmbito das visitas a que tivemos acesso insere-se precisamente no período correspondente a este modelo de organização. Só mais tarde se dará a divisão destas

comarcas ou visitas em duas partes, com o objectivo de facilitar a sua administração. A divisão da visita de Sousa e Ferreira terá ocorrido em 1711. Posteriormente, em 1765/66, foi criada uma terceira parte da visita de Sousa e Ferreira (Idem:208). A comitiva visitacional era composta por duas figuras principais: o visitador e o escrivão (ou secretário). O visitador era recrutado entre o pessoal eclesiástico, devendo evidenciar uma elevada cultura teológica e superiores qualidades morais. Em geral, tratava-se de importantes personalidades da Igreja como bispos auxiliares, desembargadores, doutores, licenciados ou capitulares da Sé (Idem: 204 e 231). O secretário ou escrivão também tinha que ser um clérigo de boa formação, pois competia-lhe redigir os capítulos de visita nos respectivos livros, os termos de depoimentos das testemunhas da devassa e os termos dos culpados, assim como ler o edital da visita (Idem:233 e 234). O Quadro 1 identifica o nome e título ou cargo do visitador e o nome do respectivo escrivão ao longo das visitas das quais nos restaram registos.

O ESTADO DOS EDIFÍCIOS ATRAVÉS DAS VISITAS

Através dos capítulos de visita obtemos uma perspectiva da acção pastoral decorrente das visitas. Aí ficaram vincadas as principais linhas reguladoras da hierarquia eclesiástica. Uma das áreas alvo de maior atenção, sobre a qual nos iremos deter aqui mais aprofundadamente, consistia na observação do estado e provisão das igrejas, quer ao nível do edifício e anexos, quer ao nível das alfaiais e ornamentos indispensáveis ao culto divino. Na visita de 1690 o visitador avisa para o incumprimento dos fregueses relativamente à *obra do cruzeiro* (trata-se do arco cruzeiro, estrutura que separa a capela-mor do corpo da igreja), denunci-

Quadro 1 – Visitadores e escrivães

Data da Visita	Visitador	Títulos do Visitador	Escrivão
21.6.1672	Dr. Martim Rebelo e Macedo		
27.9.1690	Manuel Barbosa Lima		
18.9.1691	Manuel Álvares Dias	Cónego Prebendado	Matias Veloso Moreira
5.11.1692	Dr. Francisco de Moura	Abade de Santa Leocádia de Fradelos; Comissário do Santo Ofício	Amaro Vaz
8.2.1694	Dr. Manuel de Barros Távora	Abade de Santa Eulália de Sande Comissário do Santo Ofício	Idem
1.3.1695	Idem	Idem	Silvestre Fernandes da Silva
5.3.1696	Dr. João de Carvalho	Abade de São Pedro Fins de Tamel	João Reis
7.9.1697	Dr. Francisco de Moura	Abade de Santa Leocádia de Fradelos	Custódio Carvalho Monteiro
17.2.1699	Dr. João Carvalho	Abade de São Pedro Fins de Tamel	Luís Dias Vieira
25.7.1700	Dr. Jerónimo Ferreira	Abade de São Cosme e São Damião do Vale	Matias Veloso Ferreira
26.10.1701	Idem	Idem	Idem
30.6.1703	Dr. Francisco da Costa Paiva	Abade de São Pedro de Souto	Manuel da Silva
9.12.1704	António de Barbosa e Oliveira	Cónego Prebendado	
8.7.1706	Dr. Manuel de Torres da Silveira	Abade de São Pedro de Britelo	João de Araújo

Fonte: Livro das Visitações de Santa Margarida

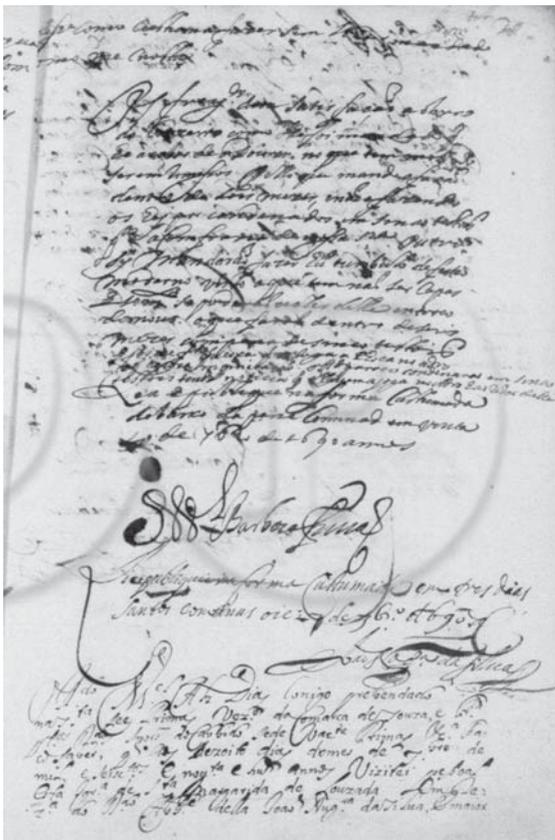


Fig. 2 - Fólio 20 das Visitações de Santa Margarida

ando que esta obra já tinha sido ordenada em visitação anterior (*Visitações*, fol. 20). A visitação do ano seguinte permite-nos perceber melhor de que obra se tratava. O visitador regista em capítulo do não se havia dado cumprimento ao *dourado do retabolo do cruzeiro*, levando-nos a admitir que se trataria de uma estrutura retabular que cobriria o referido arco. Por não terem dado satisfação ao douramento os fregueses foram condenados ao pagamento da pena de cinco tostões que havia sido estipulada na visita anterior, ficando obrigados a cumprir no prazo de três meses, de outro modo pagariam em dobro (Idem, fol. 20v).

O adro da igreja suscitou a preocupação do visitador Manuel de Barros Távora, em 1694. Aparentemente o seu circuito não estaria bem vedado, permitindo o acesso de animais, situação que não poderia ser tolerada, pois, este espaço, tal como o templo, era considerado sagrado. Este assunto já tinha sido alvo de advertência na visitação de 1690, tendo ficado capitulado. Tudo indica que a situação tenha ficado resolvida depois deste segundo aviso, agora cominado com pena de 2 000 reis, visto que não voltou a ser mencionado nas visitações posteriores.

A vedação dos adros não era necessariamente feita através de muros em pedra. Em muitas circunstâncias seriam simples tapagens de sebes, eventualmente reforçado com fojos. A expressão *tapar o adro*, usada pelo visitador, e a própria facilidade com que os animais entrariam sugerem precisamente que o circuito da igreja de Santa Margarida não se encontrava murado, mas apenas tapado por cerca de madeira ou sebe (Idem, fol. 20 e 21v).

Uma preocupação permanente por parte dos visitantes estava relacionada com o estado das paredes e das coberturas das igrejas, procurando suprimir problemas de infiltração de humidade. Eram necessários constantes trabalhos de reparação e conservação que consistiam habitualmente em rebocar e cair paredes, geralmente pelo interior. Os telhados da capela-mor e do corpo da igreja, que, na maioria das pequenas igrejas paroquiais, eram de duas águas, tinham que ser recorrentemente retelhados, precintados e caiados.

O corpo da igreja era da responsabilidade dos paroquianos e a eles competia executar as ordens do visitador. Em 1694 foi-lhes mandado *retelhar a igreja com que não chova* (Idem, fol. 21v). Ou seja, tratava-se de substituir telhas partidas ou levantadas. No ano seguinte são obrigados os fregueses a rebocar e cair a parede interior da fachada (Idem, fol. 22v). Conquanto estas ordens tenham sido cumpridas, pois não há referência à sua falha em visitações seguintes, o visitador João de Carvalho manda, em 1696, *revocar a igreja por dentro e apinzela-la de cal fina e revocar o telhado* (Idem, fol. 23). Poucos anos depois, em 1703, o corpo da igreja volta a necessitar de beneficiações. De novo se manda retelhar e cair a igreja e consertar as suas portas (Idem, fol. 25v).

No ano de 1695 alertou-se para a necessidade de *apenzelar a sua cappella*, ou seja, cair a capela-mor, cuja fábrica recaía, no caso de Santa Margarida, sobre o pároco. No ano seguinte esta obra não estava executada pelo que o visitador mandou de novo que se cumprisse sob pena do pároco ser admoestado. Mas na visitação de 1697 já se levava a cabo as referidas obras (Idem, fol. 22v e 23).

Como se pode observar, o edifício da igreja evidenciava algumas deficiências estruturais. Desse templo Seiscentista só sobreviveram as informações que constam destes capítulos de visita e de um livro de inventário de bens e da receita e despesa da igreja que já noutra ocasião tivemos oportunidade de estudar¹. Conserva-se, igualmente, um portal inserido na parede lateral norte do corpo da igreja, que, tudo indica, serviria de portal principal no antigo edifício. Um capítulo de visita lavrado na visitação de 1695 confirma-nos a existência de um cabido ou nártex (pequeno alpendre) que encosta-

¹ Nesse trabalho constatámos que a igreja foi alvo de uma profunda remodelação que se terá iniciado no ano de 1749 e que resultou no edifício que hoje em dia se pode admirar. (Cardoso, 2007:127-148).

va à fachada da igreja e que, por sinal, estava a ser danificado por um castanheiro pertencente a José de Magalhães, facto pelo qual o visitador exigiu que fosse *aplumado* (Idem:22v).

Nota muito interessante que nos ficou destes registos foi a da construção da primeira sacristia da igreja. A sacristia era um anexo que garantia a reserva necessária ao sacerdote enquanto se paramentava e servia também para guardar alfaias, paramentos e outros objectos litúrgicos. Estas estruturas não eram habituais nas igrejas paroquiais até ao século XVIII, existindo apenas nas catedrais, colegiadas e em algumas igrejas mais ricas, como nos confirma Neiva Soares (1997:483). Na visitação de 1699 o Dr. João de Carvalho, visitador da comarca de Sousa e Ferreira, dava instruções claras para se *fazer huã sachristia the a primeira visita por ser indecente o devestirentse os sacerdotes a vista do povo* (Idem, fol. 24). Na visita seguinte a obra ainda não estava feita, tendo o visitador Jerónimo Ferreira registado que o Reverendo Abade não deu satisfação a obra da *sãochrestia do que tem alguã leve desculpa por estar abzente, porem dala ha feita the a primeira vezita com pena de dous mil reis* (Idem, fol. 24v). Com efeito, o abade de Santa Margarida, João Nogueira da Silva, esteve afastado da paróquia durante esse período, sem que se conheçam as razões da sua ausência, ficando o padre encomendado Domingos Carvalho a substituí-lo. Em 1701, por finais de Outubro, o mesmo visitador Jerónimo Ferreira registou o cumprimento do estipulado, assinalando a conclusão das obras da sacristia e louvando o pároco por tal facto (Idem, fol. 25).

APRECIACÃO FINAL

Da leitura destas visitações destacamos duas informações relevantes para a análise e cronologia da igreja de Santa Margarida. Em primeiro lugar, a confirmação da existência de um cabido associado à fachada principal do edifício. Note-se que a orientação original da igreja não era a actual. Originalmente o edifício seguia a orientação canónica, com a capela-mor voltada a nascente e o frontespício a poente, situação que só foi alterada durante as obras de remodelação de 1749, dando origem ao po-

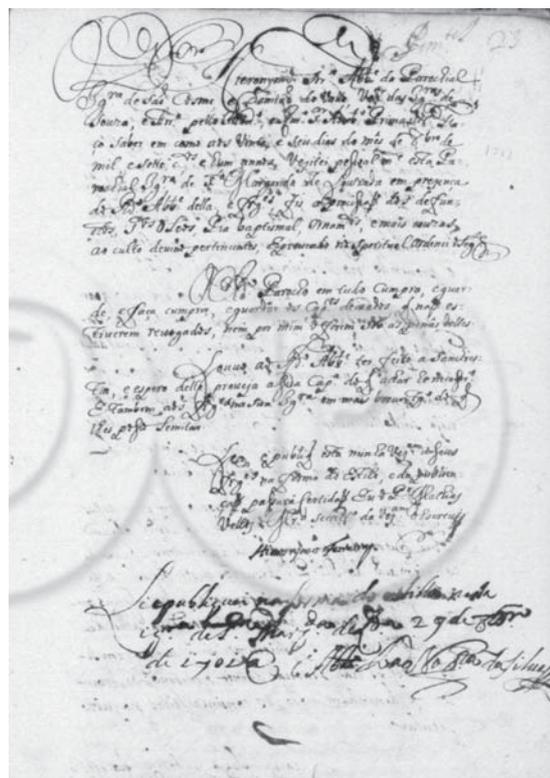


Fig. 3 - Fólio 23 das Visitações de Santa Margarida

sicionamento actual da igreja. Tal facto foi possível verificar através de confrontações realizadas no âmbito de contratos de emprazamento de casais contíguos à igreja e do tombo de 1532². Este cabido, ou alpendre, situava-se, portanto, sensivelmente no local onde hoje se encontra a capela-mor, voltado para a eira, celeiro e campo da Porta do antigo casal da Igreja de Cima. Igualmente significativa e inédita é a notícia da construção da sacristia. Como dissemos, não era frequente a existência de sacristias nos pequenos templos rurais. Estes anexos, destinados à preparação dos clérigos, começaram a surgir a partir do século XVIII. As visitações que acabamos de apresentar confirmam a conclusão das obras da primeira sacristia da igreja de Santa Margarida no ano de 1701.

Fontes e Bibliografia

- Visitações_Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial. Paróquia de Lousada (Santa Margarida). *Livro de Baptismos 1666-1721*. [Registo de Capítulos de Visita].
- Cardoso, C. (2007) – “Inventário de bens da igreja de Santa Margarida (séculos XVIII e XIX). in *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*. Lousada: Câmara Municipal. N.º 2. pp. 127-148.
- Cardoso, C. (2008/9) – “O Tombo da Igreja de São Salvador de Lousada de 1532: estudo e transcrição”. in

- Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*. Lousada: Câmara Municipal. N.º 3. pp. 153-185.
- Costa, F. B. da e Sousa, J. de (1986) – *Visitações de Gulpilhares*. V. N. Gaia: Câmara Municipal. (Documentos Sobre Vila Nova de Gaia, 3).
- Soares, A. F. S. N. (1997) – *A Arquidiocese de Braga no século XVII. Sociedade e mentalidades pelas visitas pastorais. (1550-1700)*. Braga: ed. autor.

² Para esta questão veja-se: Cardoso, 2009:153-185.